

## Xangôs e turismo

Waldemar Valente

**C**onfesso que notícia publicada no DIÁRIO DE PERNAMBUCO, no dia 28 de agosto, sob o título "Terreiros Preparam Encontro de Seitas que Fundação Promove", causou-me estranheza e perplexidade. Diz a notícia que "trinta babalorixás e ialorixás do Grande Recife", reuniram-se na Casa 10 do Pátio de São Pedro, discutindo sobre o "encontro de rituais de Umbanda e candomblé, que a Fundação de Cultura Cidade do Recife" irá promover nos três últimos meses deste ano, com o nome "Recife - Terra do Xangô".

Minha impressão é de que se trata de uma promoção turística, com a colaboração dos Xangôs pernambucanos e também, segundo a notícia, de "terreiros" de outros Estados.

Convém lembrar que Xangô não só dá nome à prestigiada divindade iorubana, mas significa a religião e o templo onde se realizam as práticas ritualísticas. Terreiro é sinônimo de templo. Ritual é a prática religiosa que se processa, tanto quanto possível, obedecendo a modelos sagrados, mantendo-se uniformemente, no tempo e no espaço. O que não quer dizer que sofra mudanças. Mudanças que se sucedem em lugares e ocasiões diferentes, sob influência de contatos culturais ou de forças ecológicas, de maneira lenta, gradual e inconsciente. A religião, do ponto de vista antropológico ou sociológico, sendo um fato cultural, não se pode conservar estática. Tem que ser viva e dinâmica. O que significa, movimenta-se e muda, embora lenta e inconscientemente. Adotando-se metodologia histórica e critérios comparativos de pesquisa é possível conhecer com relativa exatidão as dimensões de tais mudanças.

Não sou contra o aproveitamento da Religião pelo Turismo. Nem contra o relacionamento Folclore-Religião. Validade existe nos dois casos. Mas, dentro de certos limites e de certos parâmetros.

A intenção turística da promoção envolve a motivação folclórica que não é difícil descobrir nos Xangôs.

Nada mais justo que se desenvolvam características folclóricas nos "terreiros" pernambucanos, inclusive nos de Umbanda, que assentam em profundo lastro africano, embora dos verdadeiros Xangôs se distinguindo por muitas particularidades. Em todas as religiões, não só nas fetichistas, também nas mais transcendentais, como a Católica e a Islâmica, por exemplo, que são religiões reveladas, há elementos para-litúrgicos destacadamente folclóricos. Quando não, certas práticas, atos ou observâncias, não rigorosamente canônicos. Não inteiramente ortodoxos. Observâncias, atos e práticas, fortemente impregnados da cultura popular, tornando-se folclóricos. Portanto, não é de estranhar que se admita o relacionamento turismo-religião, aproveitando práticas para-litúrgicas. O simbolismo das cores, das insígnias, dos emblemas. Também magia religiosa de certos usos ou práticas, como a dos patuás e dos "despachos". Ainda a coreografia, na beleza da indumentária ritual, e na variedade dos gestos e movimentos condizentes com os costumes, a música, a

vida e o comportamento ao tempo em que, de acordo com a teoria evemérica, os orixás ou divindades intermediárias eram simples criaturas humanas. Tudo isto vale como elementos de atração turística, não raro com algum sabor folclórico. O cerimonialismo, as etiquetas, o fenômeno de "transe", da mesma maneira. Mas, observados nos próprios "terreiros", que são os templos fetichistas, com discrição e respeito. Seguinte as normas da boa educação, não perturbando o funcionamento normal das cerimônias, sem causar inibições nem exibicionismos. Nada fugindo da autenticidade religiosa. O correto seria que os filiados aos grupos-de-culto não se apercebessem das presenças estranhas. Mas, exibições, nos moldes de folguedos populares, em praça pública - exatamente a praça que é um dos quartéis-generais do turismo - não me parece processo adequado de apresentar reais manifestações dos costumes de nosso povo. A meu ver, só os turistas terão uma impressão distorcida de nossos regionalismos, como, talvez pior, os grupos-de-culto afro-brasileiros de Pernambuco, serão degradados, traindo as tradições mais idôneas dos xangôs pernambucanos. Que diriam, se fossem vivos, os austeros babalorixás da categoria de um Adão, de um Anselmo, de um Oscar, de um Apolinário, de um Eustáquio, de um José Romão, de um Severino Bezerra, de um Manuel Mariano? Ou ialorixás do prestígio de uma "baiana" do Pina, de uma Josefina Guedes ou de uma Josefa Dutra? Apenas, alguns pais e mães-de-santo, entre os que já morreram. Que dirão os autênticos e competentes Malaquias e Lídia, chefes religiosos que ainda vivem, irmão e sogra de José Romão, filho de pai Adão, seguidores da linha ortodoxa do "terreiro" Obá Oguntê do antigo Chapéu de Sol, hoje Estrada de Água Fria? Que dirá Manuel do Nascimento (Papai) - neto de pai Adão e de Lídia, hoje idôneo babalorixá e grande interessado na preservação da tradição religiosa iorubana do Sítio, como da própria cultura africana?

Será possível que "terreiros" sérios, compenetrados de sua função religiosa, vão exibir-se no meio da rua, como se fosse manifestação de caráter abertamente profano? Cada coisa no seu lugar. E nas ruas que as agremiações carnavalescas, por exemplo, livremente, sem dirigismo, encontram melhores condições para expandir-se com autenticidade. Mas, os verdadeiros Xangôs só se sentirão à vontade, no seu normal comportamento, nos seus próprios templos. Isto é, nos seus "terreiros". Considerados nos seus elementos folclóricos, de cores, de música, de danças - como, aliás acontece com outras manifestações populares - só nos "terreiros" poderão manter sua autenticidade. Fora do "terreiro", o Xangô pode ser decorativo, mas se perde na inautenticidade. Degrada-se e desvirtua-se. É o que acontece, por exemplo, com um pastoril, um bumba-meu-boi ou um fandango, que são espetáculos populares e têm o seu público, exibindo-se fora de seus ambientes, das comunidades onde vivem, em teatros ou em palcos improvisados, diante de platéias estranhas.

# Preto Velho

O teatrólogo Nazareno Petrúcio retornou à Escola de Samba Preto Velho e já esteve colaborando com a festa para escolha do samba enredo, que se constituiu num grande sucesso, iniciando praticamente os preparativos carnavalescos da querida agremiação do Alto da Sé, em Olinda. Lá estivemos e constatamos o brilhantismo e a animação do encontro tão bem comandado pela diretoria da Escola de Samba Preto Velho, cujo presidente é Jorge Lobo.

Os compositores Normando e Aguinaldo foram os vencedores do concurso, com o samba enredo “Magia e criação”, ligado ao tema “Aluizio Magalhães – magia poética, forma e cores”, com interpretação de Negrão. No segundo lugar ficou o samba de Djalma e Edgar (o popular Dega), o mais aplaudido da noite. De parabéns estão todos os integrantes da Preto Velho e Nazareno Petrúcio (acaba de ser premiado no III Festival de Teatro de Bolso, com o melhor espetáculo – “Por amor eu me aniquilo”, cuja direção é assinada por ele e por Didha Pereira).

## *Movimento Negro inicia programa amanhã com uma série de palestras*

O Movimento Negro Unificado e o Grupo de Trabalho Memorial Zumbi iniciam, a partir de amanhã, a "Semana Nacional da Consciência Negra", data máxima da negritude brasileira, festejada em todo o território nacional pelos movimentos negros, que a cada dia crescem.

Há 288 anos, os portugueses invadiram o Quilombo dos Palmares, Serra da Barriga, Estado de Alagoas e mataram o líder negro Zumbi. Não era a primeira tentativa, mas os negros sempre resistiam bravamente, porque Palmares significava para eles o sonho máximo da libertação.

Durante muitos e muitos anos ensinou-se nas escolas que o negro gostava de ser escravo e que Zumbi não passou de um rebelde que invadia as senzalas, roubava escravos e reunia-os no Quilombo dos Palmares, que nada mais era que um reduto de marginais. "Hoje, após uma revisão da História, sabe-se que Palmares foi a primeira e única tentativa de fazer desse País uma democracia, onde conviviam em regime socialista, brancos, índios e negros, que eram maioria", declaram os líderes do movimento.

### **CONSCIÊNCIA NEGRA**

"O negro brasileiro também acreditou, durante muitos anos, no "Conto da Abolição", e ainda hoje as pichações nas ruas dizem que "13 de Maio não é dia de negro", isso porque os negros têm consciência de sua luta e do que levou a princesa Isabel a assinar a "tal lei". Portanto, escolheram como seu dia o "20 de novembro", que significa luta e que é preciso ter consciência".

A Semana Nacional da Consciência Negra vai começar com debates sobre a

importância dos Quilombos na luta de libertação do povo negro nas seguintes escolas: Monsenhor Arruda Câmara, Casa dos Guias Mirins, Polivalente, Compositor Antônio Maria (Olinda); Dom Jordano e Escola Nova, no Recife, como também na Universidade Federal de Pernambuco e no Instituto de Teologia do Recife.

Para o dia 18 está programado debate com o historiador Joel Rufino dos Santos, secretário-geral do Conselho Deliberativo do Memorial Zumbi, diretor do Museu da Cidade do Rio de Janeiro, professor da Faculdade Cândido Mendes e membro do Centro de Estudos Afro-Asiáticos.

Joel Rufino publicou os seguintes livros: o dia em que o povo ganhou; Quatro dias de rebelião; Quem fez a República; O que é racismo; História política do futebol brasileiro; História do Brasil e Estórias de Trancoso, para crianças.

O debate versará sobre "Negro: Raça e Classe Social", sexta-feira, dia 18, às 20 horas, no Auditório do Colégio São José, na Avenida Conde da Boa Vista, 921, ao lado da Fafire.

Encerrando a Semana, o Grupo de Trabalho Memorial Zumbi apresentará o espetáculo teatral: "Consciência, Negro!", em alguns locais públicos, onde o contingente de negros for maior.

O "Consciência, Negro", busca mexer com a negritude do negro, com a consciência racial e com os valores da raça negra que foram adormecidos pela classe dominante. O espetáculo começa com essa busca, e a negação de valores brancos, o chamado processo de embranquecimento que todo negro passa e sua ansia para entrar num mundo branco, onde ele só tem espaço quando é folclorizado.

# TEATRO

VALDI COUTINHO

## Memorial Zumbi

Com a proposta de levar um trabalho a nível de conscientização do negro, o Grupo de Trabalho Memorial Zumbi, reuniu para um curso de teatro cerca de 25 atores.

São manicures, domésticas, manequins, comerciários etc., e apenas cinco dos participantes já haviam pisado no palco. Após um período de ensaios, que durou cerca de 20 dias, este trabalho chega ao público, coincidindo com a data maior da negritude brasileira, dia 20 de novembro, dia

do assassinato do grande líder negro, em Palmares, Zumbi.

O espetáculo será apresentado amanhã à noite, às 19 horas, no Morro da Conceição, local onde habita um grande contingente de negros. A proposta do trabalho é, além de conscientizar os próprios negros que trabalham no espetáculo, levar uma mensagem de consciência para o negro, de seus valores, de sua cultura e de sua beleza. **Consciência, Negro:** é o nome do espetáculo que também é um grito de alerta.



Cena de "Consciência, negro!", amanhã, no Morro da Conceição

# Negro não tem apoio de ninguém. Nem dele mesmo.

"Nem a direita nem a esquerda encampam o movimento negro, o que bem demonstra a incapacidade do povo brasileiro de absorver a nossa luta. Aliás, até o próprio proletário negro, o mais atingido pela discriminação racial, não adere também ao movimento negro".

A afirmação é do historiador e professor universitário, Joel Rufino, secretário geral do Memorial Zumbi e autor de sete livros: "Quatro dias de Rebelião", "Quem fez a República", "O dia em que o Povo Ganhou", "História do Brasil", "História Política do Futebol Brasileiro", e "Estórias de Trançoso".

Joel Rufino, diretor do Museu da Cidade do Rio de Janeiro, está no Recife para participar das promoções do Movimento Negro Unificado, por ocasião da passagem do Dia Nacional da Consciência Negra neste domingo e ontem pronunciou conferência sobre o tema "Rumos do Movimento Negro no Brasil".

Para ele, "os limites da consciência brasileira sobre o problema racial já foram atingidos: neste momento a sociedade brasileira não tem condições de se assumir



Rufino diz que ninguém apóia o movimento negro

como sociedade basicamente negra, não tem condições de se ver como sociedade essencialmente racista e nem de aceitar o negro como o "outro".

Outro assunto abordado pelo historiador foram os arquétipos Zumbi e Canga Zumba. "Na mitologia do

Movimento Negro, Zumbi é o primeiro herói, o que prosseguiu com a luta pelos quilombos até o fim, enquanto o Canga Zumba é o herói maldito, porque fez concessões, firmando acordo com o Governo da Capitania de Pernambuco, mediante o qual receberia terras para se ins-

talar e daria em troca o cessar-guerra e o compromisso de não receber mais os negros foragidos".

Segundo Rufino, este dois mitos, ou duas correntes de atuação, se encontram nos militantes do Movimento Negro, os quais, tal qual Zumbi, não abdicam da luta, enquanto que o povo, o proletário negro que quer mesmo é subir na vida, branquear a prole e defender seu cotidiano, seria a personificação das ideais de Canga Zumba.

## TRANÇAR CABELOS

No programa que o MNU vai desenvolver domingo, está previsto um trabalho com crianças negras, no Iburá, que inclui contar a história dos Quilombos; apresentação de grupo de capoeira; ensinar as crianças a trançar os cabelos; execução de uma ginkana tendo como roteiro a história dos Quilombos; e servir comida típica "Bobó de Peixe".

A noite, a programação, no Morro da Conceição, prevê apresentação do Memorial Zumbi e do espetáculo "Consciência Negra", além de grupo de capoeira "Manumbo", cantadores, missa, rodas e escolas de samba.



**Filhas de santo cantam e dançam as "linhas" de Xangô, no Pátio de São Pedro**

## **Pátio transforma-se em terreiro de Xangô**

O Recife está vivendo todas as sextas e sábados, a partir das 20 horas, no Pátio de São Pedro, todo o encanto e mistério dos rituais de umbanda e candomblé, com a realização do evento "Recife, Terra do Xangô". A promoção é da Fundação de Cultura Cidade do Recife, com coordenação do Instituto de Estudos, Pesquisas e Orientação dos Cultos Afro-Umbandistas de Pernambuco, através dos seus legítimos representantes.

O termo Xangô, sinônimo do Candomblé, nasceu especificamente no Recife, em 1935, quando Agamenon Magalhães era o interventor de Pernambuco. Desde essa época foram-se criando os "terreiros de Xangô" e disseminando-se a crença nos deuses místicos trazidos pelos escravos africanos. Hoje, são incontáveis os "centros" onde os "iniciados" se reúnem, fazem as suas orações, dançam e cantam suas "linhas", invocando os fluidos benéficos e as bênçãos dos seus "santos".

O Pátio de São Pedro será palco das apresentações dos "terreiros" até o próximo dia 8 de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição.

### **CHILIQUEPEBA**

Na Misty, a partir das 23.30 horas, prossegue a revista musical de João Falcão "Chiliquepeba Periquitochique", que foi considerado no primeiro semestre do ano, após percorrer várias casas noturnas e teatros, o melhor espetáculo da temporada pelo seu humor refinado e pelo desempenho de seus atores: Magdale Alves, Cláudio Ferrário, Jandira Airam e Rutilio de Oliveira. Inês Cunha.

# Dança negra

Diante da carência de estímulo à dança afro-negra, e também a necessidade de fazer renascerem as nossas raízes culturais, a Associação de Ex-Alunos da Unicap e o Balé Primitivo de Arte Negra, junto a outras entidades afins, estão promovendo para estudantes, profissionais, professores e demais pessoas interessadas em dança, o Curso de Dança Africana (expressão corporal afro-primitiva) até o dia 1º de dezembro, no horário das 19 às 22 horas.

Os indícios dessa carência estão na inexistência de cursos de dança afro-primitiva no País, que possibilitem a sistematização dos conteúdos técnico e criativo, na falta de uma ordem no pensamento crítico-teórico do fenômeno coreográfico, e na inexistência de uma consciência profissional de dança afro, quando a necessidade de encontrar formas expressivas, conforme adiantam seus organizadores.

O programa inclui atividades de respiração, concentração, relachamento, expressão corporal afro-primitiva, expressão coreográfica do Zaire, Angola e Nigéria, danças tribais e guerreiras e cânticos.